

A docência em tempos pandêmicos: ações e reflexões na aula de língua portuguesa

Gabriella Fernanda do Nascimento

14

Encaminhando-me para o que seria o penúltimo período no curso de Letras Português – Licenciatura, na Universidade Federal de Pernambuco, iniciei o ano de 2020 com grandes expectativas para cursar a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV, que seria a quarta disciplina de estágio do curso e a segunda oportunidade de experienciar o ensino básico, com todas as responsabilidades e prazeres da licenciatura. No entanto, tal qual as demais atividades do estado de Pernambuco, no mês de março, após duas semanas de aula, a disciplina precisou ser interrompida por motivos maiores: a pandemia do COVID-19..

Após as dúvidas, medos e reflexões gerados pelo ano pandêmico de 2020, retomei o período pausado, há quase um ano, no primeiro mês de 2021, de forma remota, e junto a ele a disciplina de estágio interrompida. Nesta nova configuração de ensino, os desafios eram novos, e a formação e preparação para a inserção em sala de aula, construídas até o momento na academia, precisaram ser reorganizadas e adaptadas ao ensino remoto, considerando o uso frequente das tecnologias digitais que está marcando este período, devido ao distanciamento social. Compreendendo, assim, as necessidades e a organização da retomada das aulas, a disciplina precisou ocorrer de forma mais acelerada e, com isso, todos precisaram adaptar-se e agir na mesma velocidade, de modo que a inserção na turma, o planejamento, a regência das aulas e a reflexão teoria-prática aconteceram no curto espaço de 4 meses.

Fomos apresentados, então, à nova estruturação da disciplina que contou com uma carga horária de 90 horas, sendo 30 horas de

aulas teóricas, nas quais ocorriam as leituras e discussões sobre os textos teóricos e as orientações com a professora orientadora da disciplina, e 60 horas de atividades práticas, as quais se dividiram em: 15 horas de observação e análise da turma selecionada, 15 horas de análise das plataformas educativas e dos materiais didáticos, 15 horas de regência de turma e 15 horas de preparação de aulas e avaliação das atividades dos alunos. Após a compreensão dessa dinâmica, iniciou o momento de inserção na turma de ensino básico que seria obrigatoriamente de Ensino Médio, devido à natureza da disciplina. A partir disso, considerando a impossibilidade de dialogar diretamente, como era costume no ensino presencial, o contato com minha professora supervisora foi mediado pela professora orientadora. Dessa forma, fui inserida no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação de Pernambuco (IFPE), na turma do 3º período do curso técnico em química, correspondente ao 2º ano do Ensino Médio.

Apesar da inviabilidade de explorar o espaço físico da escola, já tinha noção prévia da perspectiva educacional de qualidade da instituição considerada de referência e, conforme os diálogos com a professora supervisora aconteciam, pude ter acesso a uma realidade desconhecida: a desigualdade econômica que o IFPE abarca, uma vez que, na mesma turma, encontravam-se alunos advindos de situações econômicas e realidades diversas. Por essa razão fiquei ciente desde o início de que a dinâmica das aulas e das avaliações estava sendo pensada a fim de promover uma educação mais igualitária possível, considerando as dificuldades que os alunos menos abastados poderiam

enfrentar para ter acesso à internet e encontrar um local de estudo adequado. Junto a essa informação, soube também que a turma contava com 8 horas-aula semanais, sendo 1 hora de aula síncrona, que ocorria por vídeo chamada, na plataforma *Google Meet*, nas manhãs de segunda-feira, e 7 horas de aula assíncrona, nas quais eram disponibilizadas atividades individuais aos alunos, na plataforma AVA IFPE.

Após essas informações iniciais pude ter noção, de fato, dos desafios que enfrentaria nesse período, uma vez que precisaria adotar uma metodologia que considerasse, no momento da regência, os conteúdos, discussões e reflexões de forma produtiva e construtiva nas aulas síncronas, para que, com base nelas, os alunos conseguissem realizar as atividades das aulas assíncronas de forma igualmente significativa e formativa.

Após essas noções, dei início às observações de turma no dia 12 de fevereiro e, após a presença em 4 semanas de aulas, acompanhando 4 aulas síncronas e 4 aulas assíncronas, finalizei o período de observação no dia 05 de março. Desde o princípio, os alunos apresentaram-se simpáticos e respeitosos em relação à minha presença e participação, por essa razão, consegui, de fato, me sentir acolhida. Além disso, as aulas contavam com diferentes formas de participação dos alunos, assim, conforme a professora supervisora apresentava as discussões, os alunos respondiam ora via áudio, ora via mensagem no *chat* da plataforma, no entanto, apenas a professora mantinha a câmera ligada durante a aula. Apesar das dificuldades de interação do ensino remoto, considerei que os estudantes participaram de forma produtiva,

de modo que até os que aparentavam ser mais tímidos recorreram ao *chat*.

Além disso, em relação às câmeras, diferente dos relatos mais comuns que tocam na insegurança dos alunos em relação às suas imagens, nessa turma, a câmera desligada foi uma decisão da professora supervisora, a fim de preservar os dados de internet dos alunos com o pacote de dados mais precário, dessa forma, pude perceber novamente como a situação econômica de alguns estudantes afeta diretamente na forma como a experiência educativa é disponibilizada a eles e isso se torna mais grave ao termos consciência da recorrência dessa situação nesta pandemia. É possível reconhecer, ainda, como as dificuldades socioeconômicas na educação e no acesso a ela foram acentuadas e expostas ao sol neste período, revelando um cenário bastante negligenciado, mas que, apesar dos pontos negativos, proporcionou reflexões edificantes para a minha formação enquanto licencianda e para a educação que eu quero construir com os/as meus/minhas (futuros/as) alunos/as.

De acordo com o desenvolvimento das aulas observadas, pude analisar as práticas pedagógicas que a professora supervisora adotou para lidar com o ensino remoto de forma que os conteúdos programáticos fossem trabalhados com qualidade, respeitando a capacidade e os limites dos estudantes. Como as aulas se consolidavam em torno do ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira, as discussões basearam-se na leitura de gêneros textuais da esfera jornalística e na abordagem de conceitos gramaticais da língua, como os estudos das classes de palavras, por fim, essas discussões

foram em todos os momentos transpassadas por discussões sociais, como igualdade de gênero e luta antirracista, a fim de perceber como língua e sociedade relacionam-se intimamente. Associado à observação das aulas, realizei também a análise do programa curricular da disciplina e tive acesso aos objetivos e conteúdos programados para a turma. A partir dessas informações, então, segui para o planejamento da minha regência, a qual esteve concentrada nos estudos dos textos literários do romantismo brasileiro.

Seguindo as orientações da professora orientadora, as discussões elaboradas durante as aulas teóricas e os conhecimentos construídos durante a formação acadêmica, iniciei a elaboração do projeto didático para a regência, o qual, conforme as particularidades do ensino de língua e literatura portuguesa, consiste na seleção de um tema que servirá como guia para as propostas didáticas e discussões nas aulas. Dessa forma, em consonância com o trabalho que já estava sendo desenvolvido na turma e com o conteúdo programático do 2º ano do Ensino Médio, escolhi trabalhar os textos românticos, atentando para as formas como as idealizações poéticas podem ser percebidas ainda na atualidade, essa proposta, então, materializou-se no projeto intitulado: “As faces do romantismo literário: o diálogo entre a idealização romântica e as questões sociais”.

Durante a produção do projeto, as dificuldades da docência marcaram presença de forma efetiva. A necessidade de abordar um conteúdo tão longo e complexo no período pandêmico revelou especificidades da licenciatura que, apesar das experiências vivenciadas até

então, me desestabilizaram em diversos momentos. As problemáticas do ensino remoto, que já se apresentavam na minha posição de aluna, intensificaram-se, assim como a necessidade de abordar o máximo de conteúdos possíveis em 1 hora de aula síncrona. Somado a isso, o medo de assumir uma nova turma e interferir diretamente na educação dos alunos uniu-se ao receio de não conseguir lidar com as plataformas digitais de forma eficiente, de perder a interação dos alunos e não conseguir proporcionar leituras e discussões tais quais as que já estavam sendo desenvolvidas pela professora supervisora. A inexperiência com o ensino remoto somou-se às apreensões características da licenciatura e tornaram-se determinantes para o planejamento da regência.

A partir dessas reflexões, o projeto didático estruturou-se em 4 semanas de aulas, partindo do dia 15 de março ao dia 05 de abril, sendo 4 aulas síncronas e 4 assíncronas, que seria o tempo exato de cumprir a carga horária antes do período letivo da escola finalizar. Como o conteúdo selecionado dividia-se em três grandes grupos, organizei as aulas de modo que as três primeiras semanas seriam dedicadas ao estudo das 3 gerações românticas e a última semana seria dedicada à produção da atividade avaliativa final e discussão sobre os aspectos gerais do romantismo. Considerando a faixa etária da turma observada (entre 14 e 16 anos) e a proposta pedagógica de inserir temas transversais nas discussões, busquei associar o conteúdo ao debate de temas como os direitos dos povos indígenas, a idealização sobre a figura feminina e as lutas do povo negro no Brasil.

Na primeira semana de regência, os me-

dos e as expectativas se fizeram presentes em diferentes medidas. Como precisei lidar com o curto espaço de tempo, escolhi por iniciar esse período com a aula assíncrona, na qual propus a leitura da vídeo-entrevista “Literatura indígena ou indigenista”, que se encontra na plataforma *Youtube*, e, com base nele, a realização de uma atividade via Formulário *Google*, que relacionava a apresentação introdutória sobre a 1ª geração romântica, que a professora supervisora já havia realizado, com as reflexões apresentadas no vídeo acerca das produções literárias escritas por indígenas e não-indígenas e a significação dessas escritas. Com essa atividade, objetivava que os alunos percebessem como a idealização romântica recorria à figura do guerreiro indígena para a construção do herói nacional, mas, por outro lado, também causava o silenciamento das vozes dos povos indígenas. Durante a avaliação das atividades, percebi como os estudantes responderam de forma satisfatória às questões propostas e se atentaram a pontos que, no primeiro momento, achei que passariam despercebidos por eles. Por essa razão, compreendi que a consciência crítica desses estudantes poderia ser bem explorada nas aulas restantes. Durante a observação das aulas, já era possível perceber o bom desempenho e a criticidade que apresentavam, mas fiquei bem feliz de apreender como essas características também se fizeram presentes na aula assíncrona. Apesar de, no primeiro momento, estar apreensiva com o fato de iniciar com a aula assíncrona, por medo de não conseguir elaborar uma atividade interessante sem ter o primeiro contato síncrono com a turma, percebi como a atividade foi produtiva e serviu, inclusive, como um referencial

para como abordar os conteúdos seguintes.

A primeira aula síncrona iniciou de forma calma, uma vez que os alunos ainda estavam se habituando com a troca da professora, no entanto, isso não impediu a interação deles. Consegui realizar a leitura dos textos propostos e apresentar as formas como a literatura indianista se constituiu. A aula ocorreu de forma bastante dinâmica, de modo que os alunos realizaram as leituras dos poemas e comentaram suas opiniões e compreensões, assim, o texto literário pode ser lido considerando todas as significações e ressignificações que apresenta. Por isso, apesar do distanciamento social e das dificuldades do ensino remoto, a aula ocorreu de uma forma muito melhor do que eu havia esperado. No entanto, para além da interação e do desenvolvimento da aula, não consegui finalizar as atividades propostas em apenas 1 hora, e, considerando a extensão do conteúdo planejado, percebi como isso afetaria as aulas seguintes. Apesar do reconforto que a primeira aula significou, o medo de não conseguir cumprir o conteúdo proposto e afetar os estudantes aflorou.

Após a primeira semana, as aulas seguintes, tanto síncronas como assíncronas, aconteceram de forma semelhante. Mantive nas aulas assíncronas atividades disponibilizadas pelo Formulário *Google*, que funcionavam também como uma preparação para as aulas síncronas seguintes, e pude verificar novamente a criticidade e o empenho da maior parte dos alunos. Além disso, com as atividades assíncronas consegui verificar como os estudantes estavam compreendendo as aulas síncronas, atentando para o que eles haviam, de fato, apreendido e

verificando as respostas que apresentavam dúvidas, então, com base nessas últimas, busquei retomar algumas discussões passadas de forma mais breve. A oportunidade de planejar e avaliar essas aulas foi imensamente formativa, uma vez que consegui ter acesso às compreensões dos alunos de forma individualizada, perceber a importância dos comentários dos discentes para a construção das aulas seguintes e, reconhecer o interesse e afinidade de alguns alunos com os conteúdos e discussões propostos. Considero importante ressaltar, ainda, que essa prática muito se baseou no modo com os meus professores estão lidando com o ensino neste período remoto, revelando, assim, como a formação docente inclui também os métodos e dinâmicas dos profissionais que dela participam.

Quanto às aulas síncronas, realizamos, nos momentos seguintes, as leituras dos poemas das 2ª e 3ª geração romântica e, após, consegui abordar as formas como elas lidam com a idealização romântica, ressaltando tanto a figura feminina que aparece como inalcançada, o que reforça, por vezes, a sua fragilidade e subalternidade ao homem quanto a representação das pessoas negras que aparecem, em alguns textos, reduzidas à situação de escravos em que se encontravam. Apesar da qualidade das discussões, devido ao curto tempo, todas as aulas finalizaram com o conteúdo planejado incompleto, de modo que o que precisaria ser abordado em uma aula, precisou de mais 30 minutos das aulas seguintes. Apesar de compreender os desencontros entre o planejamento e a prática, acredito que no ensino remoto essas questões foram intensificadas. Assim, as

aulas, que já haviam sido planejadas de forma concisa, buscando contemplar as discussões essenciais de cada conteúdo - uma vez que, devido à recorrência de exposição às telas, as aulas síncronas necessitavam, de fato, ser mais curtas – precisaram ser reduzidas ainda mais. Por essas questões, o medo de não estar conseguindo realizar um trabalho de qualidade foi recorrente, assim como a constante necessidade de realizar uma reflexão crítica acerca das aulas seguintes, a fim de analisar o que poderia ser reelaborado e como isso aconteceria.

Além da questão com o tempo de cada aula síncrona, durante a regência precisei lidar também com a redução na quantidade de aulas, assim o planejamento que se estruturava em 4 semanas de aulas, precisou ser reduzido a 3 semanas. Essa mudança ocorreu em diálogo com a professora supervisora, a qual expôs que, devido à quantidade de atividades que os alunos teriam no final do semestre, referentes às demais disciplinas, seria mais interessante finalizar as aulas antes da última semana oficial de aulas. Por essas razões, precisei retirar duas aulas assíncronas do planejamento. Apesar de não prejudicar a carga horária obrigatória que eu precisava cumprir, a retirada dessas aulas afetou diretamente na velocidade que os conteúdos precisaram ser abordados.

Seguindo o planejamento do projeto didático, ao fim da regência os alunos realizariam uma atividade avaliativa final. Assim, considerando os conteúdos trabalhados, inclusive os que foram abordados durante o período de observação, propus a elaboração de uma carta aberta acerca da obra “Noite na taverna”, de Álvares de Azevedo, na qual os alunos exporiam

as características ultrarromânticas do texto e teriam comentários acerca das suas opiniões pessoais sobre a obra lida. Ao pensar nessa atividade levei em consideração os objetivos que estabeleci para o projeto e conclui que esta seria uma oportunidade de pôr em prática os conteúdos trabalhados e verificar como os alunos compreenderam as discussões propostas; e para os alunos essa atividade possibilitaria realizar uma análise concentrada de uma literatura e expor suas compreensões e opiniões críticas acerca do texto lido.

Ao propor a atividade, temi que os alunos não se interessassem pela obra elencada e construíssem textos pouco profundos, no entanto, conforme recebi e avaliei as atividades, percebi como eles se dedicaram bastante. A maioria dos textos apresentava uma autoria e uma criticidade bem explícita, demonstravam conhecimento do conteúdo e compreensões bastante interessantes em relação à obra lida. Foi possível perceber como eles identificaram as formas como a idealização romântica aparece no texto e, ainda, problematizaram o modo como o enredo apresentava as personagens femininas e o modo com o homens as tratavam. Considero que a oportunidade de ler e verificar as percepções particulares de cada aluno foi uma das etapas mais felizes do estágio. Assim, apesar do distanciamento, das dificuldades do ensino remoto e das tristezas de uma época pandêmica, as atividades dos alunos revelaram uma sensibilidade muito interessante frente ao texto literário e um posicionamento crítico essencial na

formação de leitores.

Ao fim da regência consegui analisar com mais calma as etapas e a significação de cada uma delas. Por isso, considero que o período de observação foi substancial para a elaboração de um projeto factível e, apesar das inúmeras mudanças realizadas durante a regência, foi o planejamento de uma prática organizada que possibilitou que as aulas fossem produtivas. Somado a isso, a orientação e as discussões com a professora orientadora e com a professora supervisora possibilitaram que eu acessasse os conhecimentos mais maduros acerca do ensino de língua portuguesa. A mesma relevância teve as conversas, dúvidas e medos que compartilhei com as colegas de estágio, assim, senti que, devido às dificuldades comuns a todas, consegui me unir com outras docentes em formação e pudemos colaborar umas com as outras.

Durante todo o período da disciplina foi possível perceber como o ato de lecionar é um ato crítico, reflexivo e paciente, e durante o ensino remoto essas qualidades precisaram ser intensificadas. Devido ao fato de não ter tido uma formação apropriada à educação remota, durante a graduação, considero que essa oportunidade foi tão renovadora quanto dolorida. Por fim, considero que a necessidade de me reinventar, de replanejar, de lidar com os medos, as frustrações, o tempo, as particularidades de cada sujeito e, principalmente, de me manter conectada às pessoas que vivenciam a educação foi um desafio constante, mas o sentimento de realização no fim foi gratificante na mesma medida.